

UM JOGO INTERTEXTUAL: DIÁLOGOS EM TORNO DO CORPO

MARIA BERNADETTE VELLOSO PORTO

"O corpo (...) é mais social que individual, pois expressa metaforicamente os princípios estruturais da vida coletiva" (1)

1. INTRODUÇÃO

Em minhas caminhadas pelas vias da intertextualidade, não raro vejo-me diante de parentescos até então imprevisos e que, de repente, aparecem diante de meus olhos como inegáveis. Tal foi minha reação ao "descobrir", embora um tanto tardiamente - o livro data de 1984 - a obra Corpo de Carlos Drummond de Andrade. Sob inúmeros aspectos, os poemas aí reunidos remetem a textos francófonos que já faziam parte de meu repertório de análise crítica. Se, para Kristeva, a leitura supõe

a absorção e a transformação de um texto, todo leitor - ainda que não desconfie de seus dotes antropofágicos - se apropria de bens alheios para digerir-los à maneira oswaldiana. Assim, em minha experiência pessoal, o livro Corpo me permitiu reelaborar e enriquecer a visão de poemas conhecidos anteriormente. Por sua vez, graças à troca simbólica intertextual ou antropofágica, meu acesso a Drummond foi favorecido pelo contato com autores francófonos.

O percurso de meus estudos pode parecer estranho: não deixa de ser surpreendente que o interesse pelo nosso poeta maior tenha surgido no seio de minhas reflexões após muitas andanças pela produção literária francófona. Destacaria aqui um argumento em favor de minha postura de pesquisadora: a busca do Outro só favorece a redescoberta de escritores nacionais. Um estudioso de culturas e literaturas estrangeiras não deveria nunca apartar-se de seu lugar de origem, mas antes, empreender, como diria Glissant (2), a prática de um desvio fecundo capaz de assegurar o retorno ao país natal. Logo, ao me engajar nas trilhas da francofonia, cada vez mais vejo-me levada a tentar penetrar nas trilhas da literatura brasileira.

Em minha intervenção salientarei pistas para a análise do diálogo estabelecido (3): a) entre textos organizados a partir da representação do corpo marcado pela fissura interior, comprometedora da integridade do ser. b) entre poemas denunciadores do exílio e do desenraizamento impostos aos oprimidos. Dentro desta perspectiva intercultural, poder-se-ia

insistir mais longamente sobre a imagem do corpo alienado e despossuído que se contenta em viver por procuração. Restrinjo-me, entretanto, a levantar algumas vias de leitura: a) num primeiro momento, articulando o poema "As contradições do corpo" com "Accompagnement" do quebequense Saint-Denys-Garneau, tratarei da ambigüidade vivenciada pelo eu poético; b) em seguida, lendo Drummond e Damas abordarei a ruptura espacial e a perda de raízes através de "Desfavelado" (cf. "Favelário nacional") e "Limbé".

Apesar de diferenças geográficas, históricas e raciais (no caso do confronto Damas-Drummond), os autores escolhidos pertencem a literaturas contemporâneas consideradas periféricas, nascidas no interior de sociedades onde, em graus diversos, existem ainda marcas da opressão própria ao sistema colonial. Considerado como um dos criadores da moderna poesia do Quebec, e visto por alguns sob os traços de um exilado do interior, Saint-Denys-Garneau é um nome representativo da literatura de seus país. Originário da Guiana Francesa, León Damas já foi definido como o primeiro poeta negro de língua francesa, ou como o mais negro dos poetas negros francófonos. Criador, ao lado de Césaire e de Senghor, do movimento literário da negritude surgido em Paris nos anos 30, Damas ultrapassa os limites do mesmo, pregando a necessidade imperiosa de se resgatar a identidade do oprimido em geral (4). Três destinos, três Américas: tal é a origem de nossos poetas. Em todos porém, uma mesma procura obsessiva: a do corpo. Trata-se, pois, de reabilitá-lo e de reabilitá-lo para que se possa viver em harmonia

no interior de um espaço enfim possuído em que o homem reconhece as marcas de sua própria história.

2. AMBIGÜIDADES E CONTRADIÇÕES (Carlos Drummond de Andrade e Saint-Denys-Garneau)

2.1. A cisão corporal

Como será visto na leitura do poema "Accompagnement", o texto "As contradições do corpo" revela um processo de desdobramento do sujeito poético, vítima de uma situação crítica em que se estabelece uma séria cisão existencial. Retomando negativamente a célebre fórmula de Rimbaud, dir-se-ia que, em certo sentido, "je est un autre" (cf. v. 1,2), o que impõe ao indivíduo a certeza de vivenciar um profundo conflito. Dilacerado entre o querer e o poder, entre o interior e o exterior, entre a fome absoluta e os restos, entre o desejo e sua castração, o homem é obrigado a suportar uma existência infeliz.

Surdo às aspirações e vontades de seu possuidor, o corpo pesado, poluído e envelhecido o condena às restrições de uma nova vida (cf. oposição entre antes/depois), em que a sensualidade deve ser controlada (cf. "voldpia dirigida"). Se ao corpo cabe a instância do saber (cf. v. 10), à primeira vista, ao sujeito poético seria reservado o direito ao querer, o que não lhe assegura, em absoluto, a realização de suas expectativas (cf. estrofe 10). Ao invés de revelar a essência de seu proprietário,

o corpo a camufla, como se empreendesse um jogo de faz-de-conta e de esconde-esconde (v.3).

Lançando mão do simulacro, o corpo impõe ao homem suas regras e seus limites. Prisioneiro de uma força despótica, o indivíduo se submete às manhas e caprichos de seu carcereiro, tornando-se seu cão servil (cf. relações de poder entre dominador e dominado). Em resumo, ao longo de seu trajeto pessoal, em suas relações com seu corpo, o homem se vê despossuído de suas lembranças e de sua história particular, desviando-se de seu caminho graças à interferência de um Outro ameaçador. Exilado de seus desejos e de suas esperas, o sujeito poético se vê forçado a bailar com seu opressor, o que só faz acentuar a indissociabilidade de ambos, parceiros do mesmo jogo de vida e de morte.

Inscrito no interior de um país marcado por reais contradições (5) e pelo simulacro, país em que se apela para o "jeitinho" como forma de assegurar a sobrevivência individual, o texto de Drummond retrata, não só uma experiência particular, mas ainda a do próprio corpo social brasileiro. Interiorizando o discurso ideológico dominante - a voz dos donos do poder... e da voz! - o indivíduo vivencia em seu cotidiano uma alienação perigosa.

2.2. A andança dos passos perdidos

O poema "Accompagnement" ilustra um traço típico do universo do autor: a representação dos passos perdidos,

engajados numa caminhada significativa. Segundo Edouard Glissant (Le discours antillais), o tema da marcha sem fim, privilegiado na literatura antilhana - e mais particularmente nos contos populares - designa um certo tipo de relações entre o homem e seu meio. Percorrer léguas e léguas sugere a valorização de uma terra com a qual não se estabeleceu uma efetiva prática de apropriação. No que concerne ao imaginário quebequense, a lembrança da Nouvelle-France, continente sem fronteiras, atravessado por aventureiros e exploradores, ainda subsiste em representações coletivas.

Voltemos ao poema de Saint-Denys-Garneau. Escapando ao controle do sujeito, os passos perdidos correspondem a um corpo despojado e seus próprios movimentos e de suas manifestações. Apontando a necessidade de perder seu "pas perdu" (cf. v. 16), o poeta descobre o caminho possível: a restauração da unidade corporal, dificultada em um mundo bicéfalo (Quebec).

Adotando o olhar esquizofrênico de quem se vê como um estrangeiro (6) - alusão à situação do quebequense? -, o poeta conhece o conflito entre o desejo de mudar (3a. estrofe) e a certeza da impossibilidade de sair do lugar (verso 7). Incapaz de garantir reais transformações, a andança sugere a ameaça de estagnação e de imobilismo.

De modo exemplar, o poema de Saint-Denys-Garneau mostra a experiência do ser minoritário quebequense: acostumado a se ver pelo olhar do Outro (7), torna-se um estranho para si mesmo. Habitado, há séculos, a não se sentir sozinho em sua

terra, conhece a incômoda sensação de não se encontrar nunca só consigo mesmo.(8) (cf. "Speak white" de Michèle Lalonde: "nous savons/que nous ne sommes pas seuls").

Pela alusão à dança, a última estrofe de "Accompagnement" lembra o texto de Drummond. Entretanto, se em Saint-Denys-Garneau a dança acena com a possibilidade de se reassumir a integridade do corpo dividido, no poema drummondiano, o indivíduo aspira a fugir aos limites de seu corpo. Obrigado a seguir passos, alheios à sua vontade, o sujeito drummondiano obedece ao ritmo das imposições corporais. Marcada por desencontros e desacertos, sua existência atual não coincide com seus desejos, como se não houvesse mais jeito, nem "jeitinho" para acertar seu passo na cadência da vida. Assim, afirmam-se nos dois poemas movimentos distintos: de um lado ("Accompagnement"), o sujeito espera ainda uma real transformação; por outro, vítima dos compassos e descompassos da existência, o eu poético segue os caminhos indicados por outrem ("As contradições do corpo").

3. A RUPTURA E O DESENRAIZAMENTO (Carlos Drummond de Andrade e Léon Damas)

3.1. A perda do espaço

No diálogo que estabelecemos entre a obra de Damas e a de Drummond, um poema do autor brasileiro responde de perto ao texto "Limbé" do poeta antilhano. Apesar das diferenças - em Damas, trata-se do tráfico de escravos; em Drummond, da mudança

imposta aos favelados - os dois escritores denunciam os malefícios do desenraizamento, capazes de comprometer o equilíbrio de comunidades. É evidente que a experiência da remoção de coletividades - feita à base de violências de todas as espécies - nunca foi tão dura como a que conheceram os africanos. Todavia, o texto de Drummond mostra que os problemas sociais estão longe de serem resolvidos entre nós, afetando a vida quotidiana das camadas mais pobres da população - sejam elas brancas ou negras.

"Desfavelado" pertence ao conjunto "Favelário nacional", última parte do livro Corpo. Dividido em vinte e um poemas, "Favelário nacional" retrata o drama daqueles que, "em favelas e alojamentos eternamente provisórios", deparam-se com os riscos da despersonalização pela perda de sua raízes:

O maravilhoso Projeto X vai aterrar o mangue.
Vai remover famílias que têm raízes no mangue
e fazer do mangue área produtiva.
O homem entristece.
Aquilo é sua pátria,
aquele, seu destino,
seu lodo certo e garantido. (9) ("Palafitas")

Como se dá em "Limbé", Drummond faz um balanço dos bens perdidos em função do desalojamento. A retomada sistemática de possessivos confirma, do mesmo modo que no texto antilhano, a idéia de uma profunda carência. Observe-se ainda nos dois poemas a passividade do sujeito poético, simples peça do jogo da urbanização e da colonização.

Ao apelar de forma recorrente à indeterminação do sujeito, o poeta alude ao disfarce da classe dominante cuja força se dissimula, insinuando-se em toda parte como única voz da verdade. É o que é sugerido também em "Limbé", onde os senhores do poder são designados como a terceira pessoa do discurso (a "não-pessoa" de Benveniste).

Forçado a conhecer um desvio alienante, o favelado sofre em seu corpo os riscos da perda das diferenças. Ora, perder o seu rosto equivale a desaparecer na multidão moradora de casas indistintas do antigo plano habitacional do BNH. Corpo dilacerado e apagado segundo decisões arbitrárias dos poderosos, a favela destruída e transferida sem cessar pode assumir uma prática de resistência:

e a cada favela extinta
(...)
outra aparece, larvar,
rastejante, desafiante
de gente que nem a gente
(...)
O mandamento da vida
explode em riso e ferida ("Urbaniza-se?
Remove-se?")

3.2. O roubo histórico

Obcecado pela certeza da existência de um mal histórico a ser reparado, em toda a obra "Pigments" Léon Damas reivindica a recuperação de seus bens, usurpados pelos colonizadores ao longo da história. Construído sobre a questão da negritude, "Limbé" constitui um grito de revolta e de denúncia,

pelo qual o poeta - na primeira etapa de seu itinerário - adere à identidade negra.

Dois eixos atravessam o poema: a isotopia lúdica e a lembrança do comércio e do tráfico de escravos. Cansado de ser considerado como objeto do jogo colonial (cf. a evocação do navio negreiro na 2a. estrofe), o poeta tenta tornar-se o sujeito de seu próprio jogo.

Ressalte-se aqui o sentido etimológico de duas palavras do texto. Se considerarmos a provável origem do substantivo "poupée" (do lat. pop. "puppa" de "pupa" = seio), percebemos o vínculo entre a perda das bonecas e a do seio materno. Pela sua origem (do ital. "fantoccio" = "marionete", de "fante" = "criança"), a palavra "fantoche" remete à representação corrente do negro, visto, muitas vezes, como uma criança dependente de seu senhor (cf. a sugestão do fio). Além disto, em francês, "fantoche" designa um personagem de teatro que desempenha papéis grotescos, servindo ainda para caracterizar uma pessoa sem vontade própria, capaz de ser levada por outrem. Afirmando-se contrário ao papel que lhe fôra imposto na cena da história - feita para e pelos donos do poder - o poeta pretende mudar as regras do jogo.

Detenhamo-nos no inventário feito a partir dos bens usurpados pelos brancos aos negros. O crime maior dos colonizadores refere-se ao fato de terem arrancado do africano tudo o que assegurava sua identidade. Na série de substantivos empregados, podem-se destacar certos campos semânticos

organizados em torno da unidade primitiva de um universo coerente onde tudo se respondia. Desta coexistência profunda entre o eu e o mundo resultaria o sentimento da africanidade, perdido com a deportação.

Examinemos os eixos semânticos privilegiados no poema: o corpo humano está representado por palavras como: "chanson", "rythme", "mots", "cadence", "mains", "mesure", "piétinements"; o tempo se destaca de "jours"; o espaço se insinua através de "sentier", "eau", "case", "terre enfumée grise", "sol". a tradição e a vida social estão valorizadas pela alusão aos "costumes", aos "velhos" e à "sabedoria".

O desenraizamento provocou nos seres transplantados a perda de todo um universo vivido e decifrado a partir do homem. Perder o ritmo - elemento vital na filosofia africana - acarretaria, por si só, o fim de um mundo. Ora, pela sua palavra, o poeta busca reconstituir a identidade perdida, o que corresponde à recuperação das bonecas negras. Revestidas de um valor metonímico, elas evocam um conjunto de signos perdidos. Assumi-las de novo - e com elas ter acesso à sua origem - tal é o projeto esboçado por Damas em "Limbé", onde se afirma a necessidade urgente de transformar a carência. Finalmente, reivindicando suas bonecas negras, o poeta guianense luta contra a política de assimilação sempre pronta para apagar suas particularidades e para imobilizá-lo enquanto cópia dos brancos, corpo alienado.

4. CONCLUSÃO

Retomando, em breves linhas, o que foi apresentado, dois aspectos merecem particular realce:

a) Em primeiro lugar, em literaturas ditas "periféricas" ou consideradas próprias de uma minoria (como é o caso da produção literária feminina), atribui-se uma importância significativa ao resgate do corpo aviltado ao longo de uma história feita à base de violência, repressões e silêncios. Tudo se passa como se a identidade ameaçada conhecesse o desejo de reassumir o corpo e de proclamar a sua diferença.

b) Em segundo lugar, na aproximação de corpos textuais distintos, paira a possibilidade de encontros e de trocas, pois a escritura é sempre o lugar para se reconstruir um novo corpo aberto ao diálogo.

Assim, estes textos - corpos não são ilhas isoladas, vozes surdas umas às outras. Antilhas, Quebec, Brasil: três corpos, três histórias, três identidades. Antilhas: corpo exilado e despojado que, saindo do isolamento e da fragmentação insular se engaja em busca do arquipélago reencontrado ou da americanidade. Quebec: corpo em construção à procura de seu verdadeiro perfil para apagar os traços de seu rosto de Janus. Brasil: corpo continental, marcado por contrastes e contradições que se vê impelido a descobrir novas faces das Américas.

NOTAS

1. RODRIGUES, José Carlos. O tabu do corpo. Rio de Janeiro, Dois Pontos, 1988. p.159.
2. GLISSANT, Edouard. Le discours antillais. Paris, Seuil, 1981.
3. Os textos escolhidos para análise fazem parte das seguintes obras:
 - a) ANDRADE, Carlos Drummond de. Corpo. Rio de Janeiro, Record, 1987.
 - b) DAMAS, Léon. Pigments. Névralgies. Paris, Présence Africaine, 1972.
 - c) SAINT-DENYS-GARNEAU, Hector de. Poèmes choisis. Montréal, Fides, 1979.
4. Uma dissertação de Mestrado a ser defendida ainda em 88 na UFF tem como tema a obra do poeta guianense. De autoria de Glória Maria Miranda da Silva, tem como título: "O corpo como escritura na obra de Léon Damas".
5. Como diz Marilena Chauí (cf. CHAUI, M. Conformismo e resistência. São Paulo, Brasiliense, 1987), a idéia de um país de contrastes constitui uma construção ideológica cujo objetivo, ao insistir sobre diferenças geográficas, é o de mascarar as desigualdades sociais. Parafraseando Drummond, diria que o discurso do sistema "é de tal modo sagaz que a mim de mim ele oculta".
6. BOUTHILLETTE, Jean. Le canadien français et son double. Ottawa, Hexagone, 1972: "Nous voici devenus totalement

étrangers à nous-même" (p.50).

7. Ibidem, p. 47: "L'identité canadienne est un miroir qui nous renvoie l'image de l'Autre quand nous nous y regardons".
8. Ibidem, p. 14: "Depuis deux siècles, nous ne sommes plus seuls dans notre pays non plus qu'en nous-mêmes."
9. A alusão ao lodo nos remete ao universo do poeta martinicano Aimé Césaire que tira partido de lama, detritos e excrementos para construir sua poética.

ANEXO

LIMBE

Pour Robert Romain

Rendez-les-moi mes poupées noires
qu'elles dissipent
l'image des catins blêmes
marchands d'amour qui s'en vont viennent
sur le boulevard de mon ennui

Rendez-les-moi mes poupées noires
qu'elles dissipent
l'image sempiternelle
l'image hallucinante
des fantoches empilés fessés
dont le vent porte au nez
la misère miséricorde

Donnez-moi l'illusion que je n'aurai plus à contenter
le besoin étale
de miséricordes ronflant
sous l'inconscient dédain du monde

Rendez-les-moi mes poupées noires
que je joue avec elles
les jeux naïfs de mon instinct
resté à l'ombre de ses lois
recouvrés mon courage
mon audace
redevenu moi-même
nouveau moi-même
de ce que Hier j'étais
hier
sans complexité
hier
quand est venue l'heure du déracinement

Le sauront-ils jamais cette rancune de mon coeur
A l'oeil de ma méfiance ouvert trop tard
ils ont cambriolé l'espace qui était le mien
la coutume
les jours
la vie
la chanson
le rythme
l'effort
le sentier
l'eau
la case
la terre enfumée grise
la sagesse
les mots
les palabres
les vieux
la cadence
les mains
la mesure
les mains
les piétinements
le sol

Rendez-les-moi mes poupées noires
mes poupées noires
poupées noires
noires
noires

(DAMAS, Léon Gontran. Pigments. Névralgies. Présence
Africaine, 1972)

DESFAVELADO

Me tiraram do meu morro
me tiraram do meu cômodo
me tiraram do meu ar
me botaram neste quarto
multiplicado por mil
quartos de casas iguais.
Me fizeram tudo isso
para meu bem. E meu bem
ficou lá no chão queimado
onde eu tinha o sentimento
de viver como queria
não onde querem que eu viva

aporrinhado devendo
prestação mais prestação
da casa que não comprei
mas compraram para mim.
firmo, triste e chateado,

Desfavelado. (ANDRADE, Carlos Drummond)

Je marche à côté d'une joie
D'une joie qui n'est pas à moi
D'une joie à moi que je ne puis pas prendre

Je marche à côté de moi en joie
J'entends mon pas en joie qui marche à côté de moi
Mais je ne puis changer de place sur le trottoir
Je ne puis pas mettre mes pieds dans ces pas-là
et dire voilà c'est moi

Je me contente pour le moment de cette compagnie
Mais je machine en secret des échanges
Par toutes sortes d'opérations, des alchimies,
Par des transfusions de sang
Des déménagements d'atomes
par des jeux d'équilibre

Afin qu'un jour, transposé,
Je sois porté par la danse de ces pas de joie
Avec le bruit décroissant de mon pas à côté de moi

Avec la perte de mon pas perdu
 s'étioiant à ma gauche
 Sous les pieds d'un étranger
 qui prend une rue transversale.

GARNEAU-SAINT-DENYS. Poèmes choisis. Montréal, Fides, 1979.

AS CONTRADIÇÕES DO CORPO

Meu corpo não é meu corpo
 é ilusão de outro ser.
 Sabe a arte de esconder-me
 e é de tal modo sagaz
 que a mim de mim ele oculta

Meu corpo, não meu agente,
 meu envelope selado,
 meu revólver de assustar,
 tornou-se meu carcereiro,
 me sabe mais que me sei.

Meu corpo apaga a lembrança
 que eu tinha de minha mente.
 Inocula-me seu patos,
 me ataca, fere e condena
 por crimes não cometidos.

O seu ardil mais diabólico
 está em fazer-se doente.
 Joga-me o peso dos males
 que ele tece a cada instante
 e me passa em revulsão.

Meu corpo inventou a dor
 a fim de torná-la interna,
 integrante do meu id
 ofuscadora da luz
 que aí tentava espalhar-se.

Outras vezes se diverte
 sem que eu saiba ou que deseje,
 e nesse prazer maligno,
 que suas células impregna,
 do meu mutismo escarnece.

Meu corpo ordena que eu saia
em busca do que não quero
e me nega, ao se afirmar
como senhor do meu Eu
convertido em cão servil.

Meu prazer mais refinado,
não sou eu quem vai senti-lo.
É ele, por mim, rapace,
e dá mastigados restos
à minha fome absoluta.

Se tento dele afastar-me,
por abstração ignorá-lo,
volta a mim, com todo o peso
de sua carne poluída
seu tédio, seu desconforto.

Quero romper com meu corpo,
quero enfrentá-lo, acusá-lo,
por abolir minha essência,
mas ele sequer me escuta
e vai pelo rumo oposto.

Já premido por seu pulso
de inquebrantável rigor,
não sou mais quem dantes era:
com volúpia dirigida,
saio a bailar com meu corpo.

(ANDRADE, Carlos Drummond. Corpo. Record, 1984).